

A noção de *συνάφεια* em Nestório de Constantinopla, no *Liber Heraclidis*, e seu significado para a natureza do poder imperial (séc. V d.C.)

La notion de 'συνάφεια' chez Nestorius de Constantinople dans le 'Liber Heraclidis' et sa signification pour la nature du pouvoir impérial (Ve. siècle ap. J.-C.).

Daniel de Figueiredo*

Resumo: Nestório foi bispo de Constantinopla de 428 a 431 d.C. Durante seu breve episcopado à frente da sé da capital do Império Romano do Oriente, protagonizou a emergência de um conflito teológico que se tornaria central nas discussões cristológicas dentro da hierarquia eclesiástica na Antiguidade Tardia. Nestório defendia uma conjunção (*συνάφεια*) entre as naturezas humana e divina no Cristo, enquanto seu principal oponente, o bispo Cirilo de Alexandria, advogava uma união (*ἔνωσις*) entre elas. Por suas ideias, Nestório foi declarado herético pelo Concílio de Éfeso I (431), mas sua noção de divindade seria retomada e atualizada vinte anos depois, no Concílio de Calcedônia (451), sem, contudo, obter uma revisão da sua condenação. Em sua defesa, Nestório escreveu uma apologia a sua doutrina e posição pessoal: o *Liber Heraclidis*. Sem se restringir aos aspectos teológicos da doutrina de Nestório, o objetivo desse artigo é propor uma forma de abordagem para esse documento que nos possibilite inseri-lo dentro de uma problemática mais ampla, de natureza político-religiosa, relacionada a uma forma de se pensar a natureza do poder imperial.

Résumé: Nestorius a été évêque de Constantinople du 428 au 431 ap. J.-C. Pendant son bref épiscopat dans la capitale de l'Empire Romain d'Orient, il a participé à l'émergence d'un conflit théologique qui deviendrait central dans les discussions christologiques au sein de la hiérarchie ecclésiastique dans l'Antiquité Tardive. Nestorius défendait une conjonction (*συνάφεια*) entre les natures humaine et divine chez le Christ, tandis que son principal adversaire l'évêque Cyrille d'Alexandrie préconisait une union (*ἔνωσις*) entre elles. Pour ses idées, Nestorius a été déclaré hérétique par le Concile d'Éphèse I (431), mais sa notion de divinité serait reprise et mise à jour après vingt ans dans le Concile de Chalcedoine (451), sans toutefois obtenir une révision de sa condamnation. En sa défense Nestorius a écrit une apologie à sa doctrine et position personnelle : le *Livre d'Heraclide*. Sans se limiter aux aspects théologiques de la doctrine de Nestorius, l'objectif de cet article est de proposer une approche à ce document qui nous permette de l'insérer dans une problématique plus vaste, de nature politico-religieuse, liée à une façon alternative de réfléchir sur la nature du pouvoir impérial.

Palavras-chave:

Antiguidade Tardia;
Império Romano do Oriente;
Nestório de Constantinopla;
Liber Heraclidis;
Poder imperial.

Mots clés:

Antiquité Tardive;
Empire Romain d'Orient;
Nestorius de Constantinople;
Liber Heraclidis;
Pouvoir impérial.

Recebido em: 10/08/2016
Aprovado em: 15/09/2016

* Doutorando em História Antiga pelo Programa de Pós-graduação em História da FCHS/Unesp-Franca. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo n. 2013/24320-4.

Considerações iniciais

O recorte cronológico que se convencionou denominar de Antiguidade Tardia, comumente periodizado entre meados do século III e VII d.C., legou-nos uma expressiva massa de documentos textuais que, a despeito do interesse crescente dos historiadores pelo período, inclusive no Brasil, ainda requerem ser explorados à luz dos avanços metodológicos da disciplina histórica. A exuberância dessas evidências decorre, em grande parte, da preservação de escritos relacionados à afirmação e difusão da doutrina cristã no Império Romano, tais como tratados doutrinários, hagiografias, homilias, histórias eclesiásticas e cartas, dentre tantos outros gêneros de escritas disponíveis naquele contexto. Devido ao caráter exegetico ou doutrinário de muitos desses trabalhos, os estudos sobre eles permaneceram, por bom tempo, na esfera das abordagens que buscavam entender as ideias teológicas (Patrística) e seus autores (Patrologia) no sentido de referendá-las ou não dentro de uma tradição ortodoxa. Mas esses documentos têm muito mais a nos dizer, na medida em que consideramos que ideias teológicas não podem ser desconectadas das demais esferas da vida social na Antiguidade, sobretudo, para os propósitos desse artigo, ao que se refere aos campos das políticas imperial e eclesiástica.

Nesse sentido, partimos da premissa de que toda teologia é política, na medida em que é veiculada por meio de um sistema simbólico, que se traduz por discursos e práticas, prescrevendo normas de comportamentos individuais e coletivos. Quando essas prescrições são reconhecidas por parcelas consideráveis da sociedade, elas conferem autoridade e prestígio para quem as formula (CHAUI, 2004, p. 119). Nessa perspectiva, a abordagem que almejamos imprimir na análise do *Liber Heraclidis* (*Livro de Heraclides*), de Nestório de Constantinopla, é no sentido de estabelecer uma ligação entre o pensamento teológico do bispo constantinopolitano sobre a natureza do corpo do Cristo encarnado e a noção que ela trazia embutida na sua concepção no que se refere à natureza do poder imperial. Naquele momento, esse poder era centralizado na figura do imperador Teodósio II, que governou o Império Romano do Oriente entre 408 e 450, já separado administrativamente da porção ocidental.

Nestório escreveu a maior parte do *Livro de Heraclides* durante o seu período de exílio em um oásis no Egito, de 436 até sua morte, em 451. Sua escrita visava a se defender da punição que lhe fora imposta pelo imperador Teodósio II, devido à condenação das suas ideias pelo Concílio de Éfeso, em 431, liderado pelo bispo Cirilo de Alexandria. O livro é dividido em duas partes. A primeira parte foi redigida sob a forma de um diálogo, em que Nestório elenca as principais heresias do seu tempo, no sentido de contrapor a sua noção de *συνάφεια* (conjunção) à noção de *ένωσις* (união) das naturezas divina e

humana no Cristo, esta última defendida pelo seu oponente e acusador, Cirilo: “Então, na verdade, nós damos ao Cristo encarnado o nome de Deus por causa da sua conjunção com Deus e o Verbo, porque reconhecemos por homem aquele que é visível” (Nestório, *Liber Heraclidis*, 282).

A segunda parte é composta por um relato histórico do conflito decorrente das divergências entre ambos os bispos e seus seguidores, que ficou conhecido, posteriormente, por *Controvérsia Nestoriana*, acompanhado, ainda, de uma apologia sobre sua atuação. Nessa seção do trabalho, Nestório demonstrou sua mágoa por ter sido abandonado por Teodósio II e por funcionários imperiais que ele acreditava serem seus aliados na disputa.

No intuito de oferecer uma forma de abordagem a essa obra, diga-se de passagem, muito pouco estudada pela historiografia, que a insira na temática do presente dossiê, buscaremos estabelecer uma ligação entre as duas partes do livro, com o intuito de entender como a noção teológica de conjunção das naturezas proposta por Nestório contrariava a percepção do imperador no que se refere à noção de divindade, à qual ele era o representante na sociedade romana oriental. Após as considerações sobre o autor, sua obra e teologia, presentes na primeira parte, utilizaremos a segunda parte do livro para exemplificar a construção de um catálogo que liste as ações do imperador Teodósio II e dos funcionários imperiais citados por Nestório e que, de início, o apoiaram no conflito.¹ Por meio desse recurso e com auxílio de outros documentos que complementam ou contrapõem a visão de Nestório, como aqueles do próprio imperador e do bispo Cirilo, inseridos nos *Acta Conciliorum Oecumenicorum (ACO)*,² o método prosopográfico irá subsidiar a detecção dos interesses adjacentes que nortearam as ações dos atores no conflito e, desse modo, expandir o significado das suas atuações para além do âmbito das ideias religiosas.

O autor, a obra, a ideia e o problema

Nestório foi convocado pelo imperador Teodósio II para ocupar a chefia do episcopado de Constantinopla no ano de 428. Ele era nativo de Cesareia Germanícia,

¹ A concepção desse catálogo de documentos resultou da orientação da Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho, nossa orientadora de doutorado no PPGH da Unesp-Franca.

² Os *Acta Conciliorum Oecumenicorum (ACO)* são compostos de diferentes tipos de documentos relacionados aos Concílios da Igreja, na Antiguidade Tardia. A maior parte foi redigida no idioma grego, mas muitos foram preservados em traduções latinas. As atas dos concílios, cartas imperiais e episcopais, tratados, leis, éditos, homilias, dentre outros que os compõem, foram transmitidos por diferentes tradições manuscritas medievais. Esses manuscritos foram reunidos pelo filólogo Eduard Schwartz no início do século XX. Trata-se de uma obra monumental e os principais documentos relacionados à *Controvérsia Nestoriana* estão inseridos nos Tomos I e II.

cidade localizada na província da Síria Eufratensis, e, segundo uma antiga tradição siríaca, possuía ascendência persa. Seus avós eram indivíduos não cristãos oriundos do leste do rio Tigre e há indicações de que ele seria primo, pelo lado paterno, de Teodoreto de Ciro, bispo que veio a desempenhar um papel de destaque na defesa das ideias de Nestório durante o desenrolar do conflito (NAU, 1910, p. v-vi; ACO, I, 4, p. 231). É provável que, até a sua transferência para a capital imperial, Nestório não houvesse se deslocado para mais longe do que Antioquia, onde teria aprendido as letras gregas e sido aluno do bispo Teodoro de Mopsuéstia (350-428), a quem Cirilo atribuiria, mais tarde, a origem das suas “blasfêmias” contra o Cristo (ACO, I, 4, p. 210-211). Assim como João Crisóstomo, seu antecessor não imediato no trono episcopal de Constantinopla, Nestório era considerado um orador inflamado, possuidor de uma voz poderosa e, por ocasião do sermão inaugural do seu episcopado, em 10 de abril de 428, na presença do imperador Teodósio II, teria se expressado nos seguintes termos: “Dai-me, ó imperador, a terra purgada de heréticos e eu vos darei o céu em troca! Assisti-me destruir os heréticos e eu vos assistirei vencer os persas!” (Sócrates, *Historia Ecclesiastica*, VII, 29).³

As palavras acima atribuídas a Nestório, na inauguração do seu episcopado na capital imperial, são reveladoras da interação com que as questões de ordem religiosa e política se associavam na Antiguidade Tardia. Esse entrelaçamento de interesses também é perceptível na documentação sobre o conflito teológico entre Nestório e Cirilo, em que se percebe a existência de disputas por preeminências dentro da organização da hierarquia eclesiástica que começava a se estruturar naquele momento, tendo por parâmetro a organização administrativa imperial. O histórico de rivalidades entre as sé episcopais de Constantinopla e Alexandria remontava à elevação da sé episcopal da capital imperial do Oriente à posição de segunda em preeminência, logo após a de Roma, condição essa que foi estabelecida pelo Concílio de Constantinopla, em 381. Contudo, essa distinção de honra era, até então, reservada à cidade de Alexandria, que a reivindicava em virtude do seu passado apostólico, diferente de Constantinopla que não possuía nenhuma referência que a credenciasse nesse sentido (BAYNES, 1926, p. 145-156).

Em decorrência dessa elevação, percebe-se que os bispos de Constantinopla tentavam estabelecer uma hierarquia entre os demais bispos, desconsiderando as regras que indicavam que todos eles estavam em condições de igualdade na organização (BUENACASA PÉREZ, 2009, p. 177). Se atentarmos para as cartas trocadas entre ambos os

³ No original: “Δός μοι, φησίν, ὦ βασιλεῦ, καθάραν τὴν γῆν τῶν αἰρετικῶν, κἀγὼ σοι τὸν οὐρανὸν ἀντιδώσω συγκάθελέ μοι τοὺς αἰρετικούς, κἀγὼ συγκαθελῶ σοι τοὺς Πέρσας” (Tradução do grego para o francês por Pierre Périchon e Pierre Maraval, 2007).

bispos no início do conflito, inseridas nos *Acta*, verifica-se que o bispo alexandrino atacava virulentamente a teologia proposta por Nestório e, ao mesmo, se mostrava extremamente desconfortável com as interferências desse bispo na sua área de jurisdição, que abrangia todas as províncias situadas na diocese do Egito. Nestório estava usando da sua posição política de bispo da capital imperial para acolher recursos de indivíduos que cometeram delitos comuns, em Alexandria, e foram julgados em tribunal episcopal presidido por Cirilo:

Eu ouço dizer que alguns falam com maldade da opinião que tenho de Sua Piedade [Nestório], que eles falam frequentemente em especial por ocasião das assembleias de pessoas com autoridade. Eles pensam talvez agradar seus ouvidos, mas eles têm propósitos injustificados sem terem sofrido nenhum dano da minha parte, mas porque eles foram acusados de crimes, e isso corretamente: um de ser injusto com os cegos e os pobres, outro de levantar a espada contra a mãe e o outro de ter roubado dinheiro de outra pessoa com a ajuda de uma serva e de terem sempre uma reputação tal que não se desejaria esse fardo a seus piores inimigos (ACO, I, 1, 1, p. 25-28).⁴

Além dessas divergências administrativas, a definição de divindade de Nestório, expressada no *Livro de Heraclides*, embutia na sua concepção teológica a noção de dualidade do corpo de Cristo (Deus-Filho), em que as duas naturezas, divina e humana, estabeleciam uma relação voluntária de conjunção (*συνάφεια*), mas não de união (*ἔνωσις*) como pensava Cirilo. Isso era interpretado pelo bispo alexandrino como se unicamente a porção humana houvesse encarnado no homem Jesus Cristo, o que tornava a outra porção – a divina (Deus-Pai) – transcendente e distante dos homens (WESSEL, 1999, p. 29-30). Nestório refutou veementemente essa acusação na primeira parte do seu tratado e tentou explicar o seu pensamento:

De modo que não expomos a união de Deus, o Verbo, à corrupção e à mudança, e que nós não dizemos que é passível e necessária,⁵ mas uma união voluntária no *prosopon* e não na natureza.⁶ Ou eles recusarão minhas palavras e admitirão que a encarnação aconteceu em uma natureza e farão a união passível e mutável como Ário ou eles admitirão impassíveis como os Padres [do Concílio de Niceia] (Nest., *Her., Lib.*, 264-265).⁷

⁴ No original: “Καταφλυαροῦσι μὲν, ὡς μανθάνω, τινὲς τῆς ἐμῆς ὑπολήψεως ἐπὶ τῆς σῆς θεοσεβείας, καὶ τοῦτο συχνῶς, τὰς τῶν ἐν τέλει συνόδους καιροφυλακοῦτες μάλιστα, καὶ τάχα που καὶ τέρπειν οἰόμενοι τὴν σὴν ἀκοὴν καὶ ἀβουλήτους πέμπουσι φωνάς, ἡδικημένοι μὲν οὐδεν, ἐλεγχθέντες δέ, καὶ τοῦτο χρηστῶς, ὃ μὲν ὅτι τυφλοῦς ἠδίκηει καὶ πένητας, ὃ δὲ ὡς μητρὶ ξίφος ἐπανατείνας, ὃ δὲ θεραπεαίνηι συγκεκλοφῶς χρυσίον ἀλλότριον καὶ τοιαύτην ἐσχηκῶς ἀεὶ τὴν ὑπόληψιν, ἦν οὐκ ἂν εὐξαιτό τις συμβῆναι τισιν καὶ τῶν λίαν ἐχθρῶν” (Trad. do grego para o francês por André-Jean Festugière, 1982).

⁵ Nestório separava as naturezas humana e divina em Cristo porque defendia que a sua porção divina não havia sido gerada pela Virgem Maria, não teria sido passível de sofrer dor, medo e outros sentimentos inerentes à natureza humana.

⁶ *Prosopon* de Deus significa para Nestório ser a imagem de Deus, querer o que Deus quer e ter a vontade e os propósitos de Deus, como Adão antes da queda [que em decorrência dessa queda perdeu o *prosopon*/imagem divina]. Significava, portanto, a expressão humana da vontade divina (CHESNUT, 1978, p. 399).

⁷ Conforme indicaremos mais adiante, embora Nestório tenha escrito em grego, os manuscritos do *Livro de Heraclides* somente foram preservados em traduções no idioma siríaco.

Essa questão se revestia de forte apelo social naquele contexto, pois adorar uma divindade incorreta poderia colocar em risco a segurança e a salvação dos homens, conforme também nos indicou Nestório:

Quando aquelas coisas começaram a acontecer relativas à fé e durante a disputa contra Deus, o Verbo, que não teria sido imortal e impassível [...], começaram a ser destruídos e subjugados. [...] Eles sofreram doenças, fome, privação de chuva, o granizo, o calor, tremores de terra surpreendentes, o cativo, o medo, a fuga e todos os males (Nest., *Her., Lib.*, 497).

Uma vez que o imperador romano era o representante da divindade cristã perante essa sociedade, as noções teológicas de Nestório e Cirilo apresentavam implicações quanto à forma de se pensar a natureza do poder imperial. Conforme destaca Jan Willem Drijvers (2015, p. 83), "o imperador era efetivamente a personificação do Império. Ele simbolizava mais do que qualquer coisa a unidade desse Estado cultural, linguístico e religioso diverso. Nele as várias tradições e povos do Império estavam ideologicamente associados". Em decorrência dessas percepções, havia todo um aparato simbólico que ligava a figura do imperador à fonte divina de onde emanava substancial parte da sua autoridade e legitimidade para exercer o poder. Como explicita Harold Drake (2011, p. 213-216), o que se entende por Estado antigo fundava-se em uma premissa inteiramente distinta daquela que entendemos hoje em dia como uma espécie de contrato social. Na Antiguidade, a noção de que a divindade intervinha ativamente nos negócios humanos, como indicou Nestório no excerto acima, fazia com que um dos deveres primários dos líderes desse Estado fosse assegurar a boa vontade dos deuses, para que essas intervenções fossem benéficas, pois, ao contrário, a punição recairia sobre toda a comunidade e não apenas sobre aquele que provocou a ofensa às forças sobrenaturais.

Se na concepção de Nestório a divindade era transcendente e distante dos homens, ficava implícito, também, o distanciamento do imperador em relação a seus súditos (BROWN, 2002, p. 97). Desse modo, para Cirilo, Nestório estava relegando a porção divina a uma posição tão transcendente da humanidade quão também distante era a relação de um soberano persa com seus súditos:

Você [Nestório] não foi persuadido por Paulo quando ele disse: 'Mesmo se um anjo dos céus pregar ao contrário daquilo que pregamos que ele seja amaldiçoado?' Paulo não parou sua arrogância [de Nestório]. Mas Isaías, quando ele disse, 'Observem, uma Virgem conceberá, e ela dará à luz um filho, e ele se chamará Emanuel, que é interpretado Deus está conosco?' Ele [Isaías] não fez de outro modo. Pois você possui uma mente de terrível perversidade. Ouça ao menos os demônios que dizem: 'O que você tem a ver conosco, Ó Filho de Deus? Você veio no princípio dos tempos para nos torturar?' Que conselho você dá para esse inútil argumento? Quem trabalhou com você nessa inoportuna calamidade?

Você [Nestório] não tem vergonha de comparar Deus a um rei persa? Você não tem vergonha de rejeitar as tradições dos Padres, dos evangelistas e dos profetas na intenção de dominar sobre todas as Igrejas; você não se lembra do que te levantou do monte de estrume às alturas celestes e, concentrado nas criaturas, você não reconhece o Criador. [...] Mas imitando Beliar você pensa que pode convencer, pelas correntes do seu pensamento sem lei, um imperador afeiçoado à doutrina ortodoxa, e adorador da consubstancial trindade, por intermédio da qual ele reina continuamente, esmaga os inimigos hostis, e por meio do qual reinam o coro das virgens perpétuas [irmãs imperiais] e restaura a paz no mundo, - você pensa que pode fazer desse homem um apóstata com suas enganosas palavras (Cirilo, ACO, I, 1, 2, p. 103-104, grifo nosso).⁸

Portanto, esse ingrediente político deve ser considerado como parte do conflito, pois se relacionava às formas com que a divindade era imaginada por ambos os bispos. Elas agregavam noções de distanciamento (conjunção/*συνάφεια*) e aproximação (união/*ένωσις*) das porções humana e divina no Cristo encarnado, estabelecendo, em decorrência disso, simetria no imaginário das pessoas acerca da natureza do poder imperial (BARCELÓ, 2011, p. 24). É interessante notar, como percebeu Kantorowicz (1998, p. 27-28), que essas definições baseadas nos pensamentos de Nestório e Cirilo foram retomadas e atualizadas, mais tarde, para que os juristas do final do período medieval formulassem a teologia política dos Dois Corpos do Rei, num período em que a preocupação era afirmar a centralização do poder real. Nesse sentido, indicamos que a noção teológica de conjunção de Nestório favorecia a descentralização do poder imperial, enquanto a noção de união de Cirilo a centralização do poder na figura do imperador.

A questão teológica não se constituiu isoladamente no móvel que animava as duas facções que se congregavam em torno de Cirilo e Nestório, mas ela se revestia, também, de interesses paralelos que se relacionavam à busca por prestígio e poder para os bispos e funcionários imperiais que se associaram no conflito. Os primeiros almejavam estabelecer como ortodoxa a doutrina que pregavam, com todas as vantagens relacionadas à aquisição de capital simbólico (BOURDIEU, 2006, p. 134-135), que poderiam auferir

⁸ No original: "ἄρα γὰρ οὐκ ἐπέισθης Παύλῳ λέγοντι κἂν ἄγγελος ἐξ οὐρανοῦ εὐαγγελίσῃται παρ' ὃ εὐηγγελισάμεθα, ἀνάθεμα ἔστω; Παῦλος οὐκ ἔπαυσέ σου τὸ κενὸν φρόνημα ἀλλ' Ἡσαίας εἰπὼν ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱὸν καὶ καλέσουσι τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἐμμανουήλ, ὃ ἐστὶ μεθερμηνευόμενον μεθ' ἡμῶν ὁ θεός, οὐδ' αὐτός διάνοιαν γὰρ ἐκτήσω δεινῆς κακοφροσύνης. ἄκουσον κἂν τῶν δαιμόνων λεγόντων τί ἡμῖν καὶ σοί. υἱὲ τοῦ θεοῦ; ἦλθες πρὸ καιροῦ βασανίσαι ἡμᾶς. τίς δέ σοι τοῦτον τὸν εὐτελῆ λογισμὸν συνεβούλευσε κηρῦξαι; τίς ὁ συμπονήσας τῷ ἀκαίρῳ νοσήματι; οὐκ ἠιδέσθης θεὸν ἐξομοίων Περσικῆν βασιλείαι; οὐκ ἐνετράπησ ἄθετεῖν βουλόμενος πατέπων καὶ εὐαγγελιστῶν καὶ προφητῶν παραδόσεις καὶ νομίσας ἄρχειν πασῶν τῶν ἐκκλησιῶν οὐκ ἐμνήσθης τοῦ ἀπὸ κοπρίας εἰς ὕψος οὐράνιον ἀναγαγόντος σε καὶ τοῖς ἔργοις προσέχων οὐκ ἐπέγνωσ τὸν δημιουργόν. [...] ἀλλὰ γε μὴ ζητούμενον πρὸ καιροῦ, Βελίαρ μιμησάμενος ἐνόμισας σειραῖς τῶν σῶν ἀνόμων ἐννοιῶν πείθειν βασιλέα φίλον ὀρθοδοξίας καὶ προσκυνητὴν ὁμοουσίου τριάδος, δι' ἧς διηνεκῶς βασιλεύει, δι' ἧς ἔθνη τὰ πολέμια συνετρίβη, δι' ἧς χορὸς ἀειπαρθένων βασιλεύει, δι' ἧς κόσμον ἐν εἰρήνῃ καθίστησι, τοῦτον λόγους σοῖς ἀπατηλοῖς ἐνόμισας ἀποστάτην γενέσθαι καὶ λαὸν θεοφιλῆ πορθεῖν ἐβουλήθησ καὶ πατέρων πλήθος εἰς ἀναπνοὴν τυγχάνοντας διέσκυλας" (Tradução do grego para a língua inglesa por Susan Wessel, 1999).

em caso de aceitação dentro de um sistema religioso que se pretendia universal. Os segundos visavam a aumentar seus poderes e a representatividade de suas regiões de origem, em um sistema altamente centralizado na pessoa do imperador. Conforme indica Brown (2002, p. 101), “por meio da sua aliança com o imperador, Nestório entrou em um mundo onde a vida cerimonial da Corte imperial dava regular apoio imaginativo às suas noções centrais da natureza das relações entre Deus e a humanidade”.

Entendemos que, justamente por essa razão, a doutrina de Nestório apresentou grande adesão entre os funcionários imperiais, pois, a maior participação na vida administrativa e no cerimonial imperial, fazia deles intermediários entre o soberano e seus súditos. Daí a percepção de que a Corte imperial era majoritariamente nestoriana no início da controvérsia:

Você [Cirilo] reuniu uma tropa de monges e daqueles que eram chamados bispos para a aflição e confusão na Igreja. Nenhum dos chefes parou e impediu aquilo. [...] Você tinha toda a força do Império e, quanto a mim, eu tinha somente o nome do imperador, nem para me fortalecer, nem para me guardar, nem para me ajudar, nem, sobretudo, para me obedecer. É por não estar servido da força da Igreja, nem da força dos chefes, nem da força do Império que eu cheguei a essa extremidade. *Eu que tinha para mim os chefes, o imperador e o episcopado de Constantinopla*, eu que tive paciência em relação aos heréticos, tive a dor de ser expulso por você (Nest., *Her., Lib.*, 147, grifo nosso).

Por esse motivo, Cirilo teve que despender vultosas somas de ouro e presentes na persuasão dos membros da Corte, o que parece ter surtido efeito, pelo menos no que se refere aos anos iniciais do conflito. Reproduzimos uma pequena parte dessa lista de pagamento em troca de apoio. Ela foi redigida pelo secretário de Cirilo, Epifânio, e endereçada ao bispo Maximiano, substituto de Nestório, que intermediaria a sua distribuição:

Um catálogo das coisas despachadas daqui [Alexandria] para as seguintes pessoas que estão aí [Constantinopla] pelo meu senhor, seu mais santo irmão, Cirilo.
 Para Paulo, o prefeito: quatro grandes tapetes de lã; dois tapetes de lã médios; quatro capas de poltronas; quatro toalhas de mesa; seis *bila* [tapetes ou cortinas] grandes; seis *bila* tamanho médio; seis capas para bancos; doze para portas; dois caldeirões grandes; quatro cadeiras de marfim; dois bancos de marfim; quatro *persoina* [tipo de banco?]; duas mesas grandes; dois avestruzes [peças de mobiliário?]. E para que nos ajude a respeito dos assuntos que foram escritos a ele: cinquenta libras de ouro.
 Para o seu doméstico: um tapete de lã; dois tapetes; quatro *bila*; duas capas de bancos e cem moedas de ouro.
 Para Marcela, a *cubicularia*: o mesmo que foi enviado para ele. De modo que possa persuadir a Augusta, mais cinquenta libras de ouro.
 Para Droséria, a *cubicularia*: o mesmo enviado a Marcela. Para que nos ajude como foi escrito a ela, cinquenta libras de ouro.
 Para o prefeito Crisero: para que deixe de se opor a nós, fomos obrigados a despachar quantidades duplas. Seis tapetes de lã grandes; quatro tapetes médios; oito capas de banco; seis toalhas de mesa; seis tapetes *bila* grandes; seis

bila tamanho médio; seis capas de bancos; doze para cadeiras; quatro caldeirões grandes; quatro cadeiras de marfim; quatro bancos de marfim; seis *persoina*; quatro mesas grandes; seis avestruzes. Se ele agir de acordo com o que foi escrito a ele pelo magnífico Aristolau e com o senhor Claudiano intervindo como mediador: duzentas libras de ouro (ACO, I, 4, p. 224-225).⁹

As teses teológicas, portanto, resultavam na construção de modelos de realeza que afetariam o modo de percepção e de atuação do imperador. Conforme indicou Pierre Bourdieu (2007, p. 38), a autonomia do campo religioso faculta ao corpo de sacerdotes a racionalização de determinada teologia, que é erigida na forma de dogma, cuja validade ele busca perpetuar e garantir. Contudo, naquele contexto, essa autonomia do campo religioso não era plena, pois Teodósio II atuou para que se afirmasse aquela doutrina que melhor se adequasse aos seus interesses de governante, ou seja, aquela de Cirilo, pois ela pressupunha uma maior centralização do governo na figura do imperador, ao postular maior proximidade entre divindade e humanidade. Isso pode ser constatado por ocasião do Concílio de Éfeso II, em 449, momento em que Teodósio II agiu para impor uma fórmula doutrinária que aprofundava a noção de união que havia sido proposta por Cirilo. Naquele momento, a teologia ciriliana era representada pelo arquiandrita Eutiques de Constantinopla e por Dióscoro de Alexandria, sucessor de Cirilo, que se opunham às concepções de divindade dos bispos Flaviano de Constantinopla e Leão de Roma, que embutiam a noção de dualidade do corpo de Cristo presente na doutrina nestoriana, também defendida pelo bispo Teodoreto de Ciro, antigo aliado de Nestório, conforme carta de Teodósio II ao bispo Dióscoro:

A Dióscoro, o reverendíssimo bispo de Alexandria. Recentemente decretamos que Teodoreto, o bispo da cidade de Ciro, não assista ao mais santo Concílio [Éfeso II] até que o santo Concílio tome uma decisão sobre seu caso; nós o excluímos porque ele ousou compor ataques aos escritos sobre a fé de Cirilo, de santa memória, então bispo da grande cidade de Alexandria. Desde que parece que alguns seguidores de Nestório tentam esforçarem-se em seu nome para assegurar o comparecimento dele ou de outros de alguma forma no santo Concílio. [...]

⁹ No original: "Breue directorum hinc his qui illic sunt, a domino meo sanctissimo fratre uestro Cyrillo. Paulo praeposito nacotapites maiores quattuor, nacotapites mediocre duo, accubitalia quattuor, mensalia quattuor, bila tapeta maiora sex, bila mediocria sex, scamnalia sex, in ostiis duodecim, cortinae maiores duae, cathedrae eburneae quattuor, scamnaerbunea duo, persoina quattuor, tabulae maiores duae, struthiones duo; et ut in causa nos adiuuet circa illa quae ei scripta sunt, auri libras quinquaginta. et domestico eius nacotapitum unum, tapetes duo, bila quattuor, scamnalia duo, auri solidos centum. Marcellae cubiculariae <secundum quod> directum est ei, et ut Augustam rogando persuadat, auri libras quinquaginta. Droseriae cubiculariae secundum ea quae Marcellae directa sunt, et u team adiuuet sicut ei scriptum est, auri libras quinquaginta. Praeposito Chryseroti, ut nos impugnare desinat, coacti sumus duplicia destinare: nacotapita maiora sex, nacotapita mediocria quattuor, tapeta maiora quattuor, accubitalia octo, mensalia sex, bila grandia tapetes sex, bila mediocria sex, scamnalia sex, in cathedras XII, cortinas maiores quattuor, cathedras eburneas quattuor, scamna eburnean quattuor, persoina sex, tabulas maiores quattuor, struthiones sex; et si secundum ea quae illi scripta sunt a magnificentissimo Aristolao, fecerit et adiuuerit nos, domno Claudiano mediatore interueniente auri libras CC" (Essa relação somente foi preservada nos ACO em versão latina. A tradução para o inglês é de John I. McEnerney, 1987).

Aqueles que ousarem fazer qualquer forma de acréscimo ou subtração da fé dos santos padres de Niceia [325] e depois em Éfeso [431] nós não permitiremos ter qualquer direito de fala no santo Concílio e nós colocamos tais pessoas sob o seu julgamento. É por essa razão que nós decretamos agora que o santo Concílio deveria ser convocado (ACO, II, 1, 1, p. 74).¹⁰

O ‘Livro de Heraclides’: a autenticidade da obra e seus manuscritos

Nestório escreveu originalmente em grego, entre os anos de 435, início do seu exílio, e 451, provável ano da sua morte, uma vez que ele dá notícias da morte do imperador Teodósio II, ocorrida em 450, e da fórmula cristológica alcançada no Concílio de Calcedônia, em 451, a partir dos entendimentos contidos nas cartas trocadas entre Flaviano de Constantinopla e Leão de Roma, nas quais ele percebia conter a essência da sua doutrina a despeito da sua condenação (Nest., *Her., Lib.*, 506; 514; BETHUNE-BAKER, 1998, p. 34-35).

No prefácio da obra, Nestório indica o seu objetivo de esclarecer todas as heresias. Percebe-se que, ao descrevê-las, sua intenção recai em associá-las aos ensinamentos de Cirilo. E, na sequência desse relato, ele faz uma defesa das suas ideias teológicas:

Agora convém, em minha opinião, àquele que quiser pesquisar a verdade com toda diligência, não compor seus discursos com ideias preconcebidas, mas produzir (primeiramente) tudo aquilo que é oposto à verdade e discuti-lo. Assim, é por comparação entre um e outro que aqueles que conhecem o ouro, mostrem a diferença do ouro bom e aquele que é inferior, aos olhos daqueles que querem tomar a liga como (ouro) puro. Muitos, de fato, escolhem o mal ao bem e a mentira em lugar da verdade, porque as duas coisas lhes são iguais e que eles preferem lutar contra eles [o bem e a verdade] e vencer, antes que estabelecer a verdade. Como vários (homens) professam diversas (opiniões) sobre o Cristo e não se acordam em seu nome, enquanto outros discutem sobre seu nome, nos parece bom expor, além da opinião de cada uma dessas heresias em relação a Cristo, a fim de que a verdadeira fé seja conhecida por comparação às heresias e que nós não as chancelemos para cair numa ou noutra, como aqueles que não veem (Nest., *Her., Lib.*, 1-11).

¹⁰ No original: “Διοσκόρωι τῷ εὐλαβεστάτῳ ἐπισκόπῳ Ἀλεξανδρείας. Πρῶην μὲν Θεοδώρητον τὸν ἐπίσκοπον Κύρου τῆς πόλεως ἐθεσπίσαμεν εἰς τὴν ἀγιωτάτην μὴ ἀπαντῆσαι σύνοδου, μέχρις ἂν τὰ δοκοῦντα ἐπ’ αὐτῷ ἡ ἀγία τυτώσῃ σύνοδος, ἀποστραφέντες αὐτὸν ὡς ἐπιχειρήσαντα ἐναντία ἐκθέσθαι οἷς συνέγραψεν περὶ τῆς πίστεως ὁ τῆς ἀγίας μνήμης Κύριλλος ὁ τῆς μεγαλοπόλεως Ἀλεξανδρέων γενόμενος ἐπίσκοπος ἐπειδὴ δὲ ἐνδέχεται τινὰς τῶν τὰ Νεστορίου φρονούντων ἐπιχειρήσαι σπουδὴν αὐτῷ συνεισενεγκεῖν εἰς τὸ ἐκ παντὸς τρόπου εἰς τὴν ἀγίαν παραγενέσθαι συνόδου. [...] τοὺς γὰρ κατὰ τι προσθήκην τινὰ ἢ μείωσιν τῶν ἐκτεθέντων περὶ τῆς πίστεως παρὰ τῶν ἀγίων ἐν Νικαίᾳ πατέρων καὶ μετὰ ταῦτα ἐν Ἐφέσῳ ἐπιχειρήσαντας εἰπεῖν οὐδεμίαν παντελῶς παρρησίαν ἐν τῇ ἀγίᾳ συνόδῳ ἔχειν ἀνεχόμεθα, ἀλλὰ καὶ ὑπὸ τὴν ὑμετέραν εἶναι κρίσιν βουλόμεθα, ἐπειδὴ καὶ τοῦτου ἕνεκα καὶ νῦν τὴν ἀγίαν σύνοδον συγκροτηθῆναι διετυπώσαμεν” (Tradução do grego para o inglês por Richard Price e Michael Gaddis, 2005).

Pela descrição detalhada que faz, no transcorrer do livro, dos eventos que circundaram o Concílio de Éfeso II e pelas circunstâncias em que se deu a deposição do bispo Flaviano de Constantinopla (449), que ele comparou à sua deposição, Nestório, mesmo durante o exílio, parece ter recebido documentos para auxiliar na sua narrativa (NAU, 1910, p. ix). Contudo, essa descrição dos fatos que ele oferece está condicionada à defesa de si próprio, em que ele escolhe o que deve ser dito em seu benefício e o que deve omitir, no sentido de oferecer uma descrição personalizada dos acontecimentos, daí a necessidade de comparação com outros documentos:

Eu omito as coisas que foram lançadas contra minha pessoa, contra Flaviano e todos aqueles que não nos queriam anatematizar. Eles depuseram Flaviano da mesma maneira que eu. Aqueles oprimidos foram depostos sem julgamento, pois não viram o julgamento nem o tribunal. Não lhes foi permitido se defender nem falar, mas a exceção daqueles que agradavam ao imperador e a Eutiques (Nest., *Her., Lib.*, 476).

A obra foi inicialmente preservada por meio de uma tradução para o idioma siríaco, feita entre os anos de 525 e 540. A origem das traduções inglesa e francesa disponíveis hoje provém de um manuscrito do século XI ou XII, que se encontrava na biblioteca do patriarca nestoriano em Kotchanès, no Curdistão turco (SCIPIONI, 1956, p. 1; LOOFS, 1914, p. 11). Posteriormente, tal trabalho foi também citado sob o título de "Tragédia" por Augustus Neander, em 1825, que o identificava por intermédio das citações feitas por Evágrio Escolástico, no século VI d.C., sobre a história dos infortúnios de Nestório durante o seu exílio (Evágrio, *Historia ecclesiastica*, I, 7, 10-15). Neander fazia, também, referência à obra de Ebedjesu, metropolitano nestoriano do século XIV, que listava os trabalhos dos escritores eclesiásticos sírios. (apud DRIVER; HODGSON, 2002, p. ix).

Esse arquétipo¹¹ foi destruído durante a Primeira Guerra Mundial, mas antes uma cópia dele havia sido feita, em 1888, por um membro da Missão Presbiteriana Americana, e outra, em 1898, a partir dessa cópia norte-americana, produzida por um membro da missão anglicana, ambas estabelecidas na região do lago Urmia, atual Irã (RUSSELL, 2000, p. 223). O texto ficou conhecido no Ocidente, no início do século XX, por meio de James Bethune-Baker (1998),¹² professor de Teologia na Universidade de Cambridge, que publicou uma monografia sobre o livro. Em 1903, o texto siríaco já havia sido publicado por Paul Bedjan, em Leipzig, na Alemanha, e, posteriormente, traduzido para o francês por François Nau, em 1910. Utilizamos aqui duas traduções da referida obra: a edição

¹¹ Segundo Luciano Canfora (2012, p. 35-42), na linguagem filológica, o arquétipo é o texto recuperado como antepassado mais distante da tradição manuscrita, mas não se confunde com o original perdido.

¹² Primeira publicação em 1908.

em língua francesa, de Nau (1910), e a edição em língua inglesa, de Driver e Hodgson (2002),¹³ que também fez sua tradução a partir da cópia do manuscrito publicado por Paul Bedjan (DRIVER; HODGSON, 2002, p. xi). Isso possibilita comparar as duas traduções feitas a partir daquela cópia do manuscrito siríaco.

O tradutor do grego para o siríaco, no século VI d.C., indica no prefácio da sua tradução que dividiu o *Livro de Heraclides* em duas seções, no seguinte esquema: Livro I: Parte 1 ("Sobre todas as heresias opostas à Igreja e diferenças em relação à fé"); Parte 2 ("Exame dos julgamentos e acusações de Cirilo"); e Parte 3 ("Sua própria apologia e uma comparação de suas cartas"); Livro II: Parte 1 ("Refutação das ações contra ele a respeito das matérias pelas quais foi excomungado"); e Parte 2 ("Da sua excomunhão até o fim da sua vida").

O Livro I é apresentado sob a forma de um diálogo em que Nestório responde a questões teológicas apresentadas por um interlocutor, Sofrônio. O Livro II, como já indicado, foi escrito no final da sua vida (BEVAN, 2005, p. 29) e compreende uma defesa da sua posição doutrinária e um relato histórico da controvérsia, citando, ao longo da sua narrativa, algumas cartas de Cirilo, dos imperadores e de funcionários da administração imperial. Nos termos apresentados por Averil Cameron (2014, p. 35), em que os diálogos cristãos da Antiguidade Tardia podem ser vistos como veículos apologéticos ou polêmicos para agendas sectárias, julgamos adequado considerar o *Livro de Heraclides* como uma espécie de *Contra Cirilo* em diálogo ao *Contra Nestório*, tratado anteriormente escrito por Cirilo para acusar a doutrina de Nestório.¹⁴

Sobre a autenticidade do livro, Luise Abramowski (apud RUSSELL, 2000, p. 223) considerou, em 1963, que o *Livro de Heraclides* se trataria da junção de dois livros distintos. A primeira parte do livro, aquela composta de perguntas e respostas, teria sido acrescentada após a morte de Nestório e a segunda parte teria sido escrita principalmente por ele, mas conteria extensas interpolações posteriores. O interpolador seria um indivíduo de Constantinopla, que poderia, precisamente, ser datado de 451 a 470. Segundo Aloys Grillmeier (1975, p. 560-562), essa visão foi devidamente contestada por Luigi Scipioni, no trabalho *Nestorio e il concilio de Efeso* (1974), que avaliou que os argumentos de Abramowski estavam baseados em elementos filológicos que não são decisivos. Roberta

¹³ Russell (2000, p. 222, nota 159) indica que o título dado à tradução inglesa, *O Bazaar de Heraclides*, decorre de um erro de tradução de Bethune-Baker, que foi encampado por Driver e Hodgson, do termo siríaco *Tegurta*, cuja tradução mais adequada seria *Tratado*. A primeira publicação da tradução de Driver e Hodgson é de 1925.

¹⁴ Cirilo escreveu esse tratado antes do Concílio de Éfeso, em 431, e fez circular cópias dele durante as negociações que se seguiram àquele Concílio. Um dos destinatários, que pode ser identificado em carta do epistolário ciriliano (ACO, I, 4, p. 222-225), trata-se do funcionário imperial e *praepositus sacri cubiculi* Crisero, que, além de uma cópia do *Contra Nestório*, também recebeu de Cirilo grandes quantidades de ouro e presentes para que fosse persuadido a apoiá-lo na corte imperial.

Chesnut (1978, p. 398) e George Bevan (2005, p. 26) também consideram frágil a hipótese de Abramowski de não atribuir a Nestório a primeira parte do livro. Quanto à segunda parte, Bevan afirma que todas as interpolações apontadas por Abramowski (1995, p. 45) já foram explicadas, com exceção de uma profecia anacrônica no final do trabalho. Essa interpolação, que já havia sido apontada por Nau (1910, p. xix) no prefácio da sua tradução, refere-se à entrega dos vasos sagrados da igreja aos bárbaros, pelo bispo Leão de Roma (Nest., *Her., Lib.*, 520). Esse fato teria ocorrido no ano de 452, portanto após a morte de Nestório.

Além das questões teológicas contidas na primeira parte do livro, os argumentos de Nestório no *Livro de Heraclides* se dividem em dois eixos de defesa: a forma inescrupulosa com que ele acusa Cirilo de agir contra ele, conseguindo manter-se no episcopado por meio da compra, em dinheiro, de funcionários imperiais que persuadiram Teodósio II (Nest., *Her., Lib.*, 479); e o argumento de que foi traído pelo imperador, que, no início da controvérsia, pareceu apoiar a sua doutrina (Nest., *Her., Lib.*, 391).

Como Nestório nos indica no seu livro, a sociedade romana da Antiguidade Tardia foi caracterizada por expressões de marcantes religiosidades, individuais e coletivas, que não podem ser destacadas das demais esferas de ação das pessoas que viveram naquele momento, e as representações delas são reais e não excluem os conflitos político-administrativos subjacentes à questão teológica. Daí entendermos que o imperador Teodósio II não arbitrou apenas uma querela teológica, mas um conflito político-religioso-administrativo. Para que possamos fazer a junção desses domínios, optamos pelo auxílio do método prosopográfico para indicar o elo existente entre a questão teológica e os interesses relacionados à construção de uma representação do poder imperial embutida na doutrina de Nestório. O propósito do método prosopográfico é coletar dados biográficos das elites políticas que transcendam vidas individuais e analisar grupos de indivíduos a partir dos seus contatos mútuos e interesses comuns (KOENRAAD; CARLIER; DUMOLYN, 2007, p. 41-43). Por meio da análise de fatores gerais dos grupos, podemos vislumbrar as motivações das suas ações e o que contribuiu para torná-las possíveis.

Uma metodologia de abordagem do *Livro de Heraclides* relacionada ao poder imperial

O apoio à teologia nestoriana por grande parte dos funcionários e membros da corte imperial foi determinante para a postura adotada por Teodósio II em confirmar a deposição e exílio de Nestório, bem como impor uma forma aprofundada da doutrina de Cirilo no Concílio de Éfeso II, em 449. Na segunda parte do seu livro, Nestório não apresenta uma narrativa linear dos acontecimentos relacionados ao conflito com Cirilo e

seus seguidores. Para que possamos perceber as atuações tanto do imperador quanto dos funcionários que se aliaram a Nestório, um método adequado é catalogar as passagens em que eles são citados na obra, acrescidas de informações biográficas disponíveis sobre eles. Esse recurso permite-nos comparar o relato de Nestório com as cartas imperiais e episcopais inseridas nos ACO, desse modo cotejar as contradições e omissões presentes na sua própria defesa. Nesse sentido, fornecemos exemplos de como esses catálogos podem ser elaborados:

Quadro 1 - Catalogação do *Livro de Heraclides*

Parágrafos	Edição F. Nau (páginas)	Edição Driver & Hodgson (páginas)	Cartas imperiais e episcopais inseridas nos ACO e relacionadas ao assunto do parágrafo do <i>Liber</i>
164	99-100	108	I, 1, p. 120; I, 1, 5, p. 13-15, 124 e 127 seq.; I, 3, p. 91-92, 115-116 e 169-173.
Além do protesto dos bispos aliados, Nestório relata a admoestação feita pelo <i>comes</i> Candidiano aos partidários de Cirilo. Mas, mesmo a despeito das cartas enviadas por João de Antioquia e pelos oficiais, informando que os bispos orientais se aproximavam de Éfeso, os partidários de Cirilo se voltaram contra Candidiano para convencê-lo: "levantaram suas mãos aqueles que, por causa da fome e das doenças, não podiam nem permanecer de pé e não escutavam nem o que lhes dizia as cartas que o imperador enviou a todos".			
175	105-106	116-117	I, 1, p. 120; I, 1, 5, p. 13-15, 127, 131 e 133-135; I, 3, p. 91-92, 99-109 e 115-116.
"Para mim [Nestório] que perguntei se havia um julgamento, protestei a todos que não deviam me julgar antes que fossem reunidos todos aqueles que tinham sido chamados a julgar." Nestório questiona o poder de Cirilo em julgá-lo, nem que ele poderia ter escolhido a si mesmo para presidir o Concílio. [...] "E você [Cirilo] acusa Candidiano, João de Antioquia e Irineu." [...] "Quando (o barulho) disso chegou ao imperador, que eles tinham ousado contra a lei colocada ao alcance deles por Candidiano, e daquilo que eles tinham feito contra eles [Candidiano, João e Irineu], ele respondeu claramente a todos".			

Fonte: Elaboração própria.

As informações do catálogo acima podem ser complementadas, quando possível, com os dados prosopográficos desses indivíduos envolvidos no conflito no sentido de nos fornecer indicações sobre os motivos do posicionamento deles no conflito, que extrapolam a questão religiosa. Esses dados podem ser extraídos da própria documentação e a partir da obra *Prosopography of the Later Roman Empire (PLRE)*, vol. 2, organizada por John Martindale (1980):

Quadro 2 - Prosopografia

Candidiano. Comes domesticorum no Oriente (431-435). Foi representante do imperador Teodósio II no Concílio de Éfeso, entre junho e julho de 431. Foi instruído para manter a ordem e verificar se os assuntos tratados se concentravam nas divergências teológicas. Manteve parcialidade a favor dos nestorianos e dos bispos orientais sob a liderança do bispo João de Antioquia, também aliado de Nestório. Deu retorno ao imperador acerca das sessões do Concílio e tentou impedir que Cirilo entrasse em contato com o imperador em Constantinopla. A despeito disso, foi incapaz de evitar a condenação de Nestório (PLRE-2, p. 257-258; Nest., Her., Lib., 161-186).

Irineu. Amigo de Nestório na corte imperial. Apresentava o título de *comes*. Durante o Concílio de Éfeso tentou impedir a comunicação entre Cirilo e seus agentes em Constantinopla. Após a condenação e exílio de Nestório foi ordenado bispo da cidade de Tiro, na província Fenícia Libanense, de onde provavelmente era oriundo, pelo bispo Domo de Antioquia, sucessor do bispo João de Antioquia. Posteriormente essa ordenação foi revogada a mando do imperador Teodósio II (PLRE-2, p. 624-625; Nest., Her., Lib., 175).

Fonte: PLRE; Liber.

Os exemplos acima se tratam apenas de amostragens, pois para se chegar à conclusão da adesão expressiva de funcionários e membros da Corte imperial às ideias de Nestório foi necessário que rastreássemos um universo mais amplo de indivíduos. A imagem de Teodósio II ficou bastante desgastada na historiografia pelo seu comportamento no gerenciamento do conflito da Controvérsia Nestoriana. Sua atuação ficou marcada como aquela de um imperador ingênuo, manipulável pelos funcionários e, portanto, vacilante nas decisões políticas (Prisco, *Historia*, 54). Longe disso, a análise aprofundada das ações do imperador nos leva a entendê-las no contexto em que as questões teológicas poderiam afetar a sua legitimidade de governante e não somente como árbitro de uma querela entre bispos. É perceptível, na documentação, que Teodósio II manobrava para perpetuar o conflito entre as facções, de modo que ambas saíssem enfraquecidas e ele capitalizasse os dividendos políticos da sua intermediação (ACO, I, 1, 4, p. 31-32; Nest., Her., Lib., 374).¹⁵ Sua atuação deve ser estendida, ainda, para questões geopolíticas relacionadas às relações com os dois grandes impérios vizinhos do Oriente: o Império Persa e o Império Romano do Ocidente. Essas questões são complexas e amplas para serem abordadas nesse espaço, mas por meio da análise delas podemos verificar a existência de forças descentralizadoras do poder imperial atuando em conjunto com a questão teológica.

No que se refere à associação entre Nestório e funcionários e membros da corte imperial, um dos ingredientes que motivou a tomada de posição do imperador de alternar

¹⁵ Carta de Cirilo ao bispo Dinato de Nicópolis, na qual o bispo alexandrino tenta justificar os termos do acordo que teve que celebrar com João de Antioquia, em 433 (Fórmula da Reunião), intermediado pelo tribuno Aristolau por ordem de Teodósio II, em que João de Antioquia, partidário de Nestório, aceitava a deposição e excomunhão de Nestório, e Cirilo aceitava uma fórmula doutrinal na qual os postulados da doutrina nestoriana estavam implícitos.

seu apoio entre Cirilo e Nestório, devemos, ainda, considerar aquilo que constatou Norbert Elias (2001, p. 134-135) acerca das sociedades de corte. Elias postulou que, nesse tipo de estrutura política, o nível de pressão sobre o soberano seria insuportável se a maioria daqueles que estivessem nos níveis abaixo na corte agissem contra ele na mesma direção. Analisando a situação no contexto do Antigo Regime, na França, esse autor percebeu que o rei assegurava a sua posição ao promover a divisão para governar. Nessa circunstância, o soberano ponderava as relações de força e buscava balancear o equilíbrio das tensões a seu favor. George Bevan (2005, p. 235-236) também percebeu essa estratégia em Teodósio II de dividir para conquistar. Contudo, temos a percepção de que muito pouco o imperador necessitou agir em manobras divisionistas, em vista da própria diversidade que compunha o núcleo de indivíduos próximos ao poder imperial, oriundos das elites das mais diversas regiões do império. Essa configuração naturalmente já engendrava conflitos de interesses tanto na administração imperial quanto na hierarquia eclesiástica. Essa disposição pode ser mais bem visualizada quando analisamos o catálogo prosopográfico, que inclui os atores do conflito citados na documentação e seus possíveis interesses subjacentes à questão teológica.

Nestório externou, no *Livro de Heraclides*, sua profunda indignação por Teodósio II tê-lo abandonado na defesa das suas ideias e aceitado a sua deposição do episcopado de Constantinopla, que logo em seguida foi ocupado por um aliado de Cirilo. Embora o bispo constantinopolitano restrinja os motivos desse abandono à inconstância da postura de Teodósio II em relação à verdadeira fé (Nest., *Her., Lib.*, 391) e à voracidade com que Cirilo arquitetou o avanço do seu poder sobre a sé episcopal de Constantinopla (Nest., *Her., Lib.*, 147), ao se analisar os interesses subjacentes à questão teológica, sobretudo aqueles fornecidos pelos dados prosopográficos dos funcionários imperiais que apoiavam Nestório, percebe-se que a atitude de Teodósio II se deu pelo risco que a noção nestoriana de divindade acarretava para a ideologia da unidade imperial. A noção de conjunção das naturezas divina e humana (*συνάφεια*), presente na teologia nestoriana, sugeria uma divisão na segunda pessoa da trindade e, conseqüentemente, o distanciamento da porção divina de Cristo em relação à humanidade. Essa configuração afetaria a percepção da natureza do poder centralizado na figura do imperador, que emanava, em grande parte, da sua condição de representante do divino na terra. Essa teologia dualista de Nestório entrelaçava-se às pretensões e anseios das elites de funcionários e membros da Corte imperial por maior participação na administração de um Império, que se daria por meio de um processo de descentralização do poder.

Considerações finais

Os documentos históricos são monumentos que guardam uma memória coletiva, de gerações sucessivas, daquilo que é interessante ser preservado, transmitido e da forma como almejavam que fossem lidos no futuro (LE GOFF, 2003, p. 535-536). A leitura do passado, portanto, jamais é completa, estável ou fixa na perspectiva de quem o aborda. A atividade interpretativa permite que leituras e releituras sejam produzidas (JENKINS, 2014, p. 12-13), desde que empiricamente embasadas e teoricamente orientadas pelas ferramentas disponíveis à disciplina histórica no momento em que é elaborado o produto do seu conhecimento. Nesse sentido, esse artigo se dedicou a entender um artefato discursivo textual forjado no decorrer de um conflito, estando, em decorrência disso, repleto de intenções partidárias, contradições e permeado por claros objetivos propagandísticos.

O recurso metodológico que encontramos para minimizar essas injunções foi o de catalogar as passagens relativas às atuações do imperador Teodósio II e dos funcionários imperiais presentes no *Livro de Heraclides*, de Nestório. As formas como esses atores reagiram às proposições teológicas de Nestório podem ser explicitadas a partir da formação de redes de solidariedade com vistas a interesses comuns, ao serem comparadas a outros tipos de documentos produzidos no período. As cartas imperiais e a correspondência epistolar do bispo Cirilo, inseridas nos *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, estabeleceram diálogos com o *Livro de Heraclides*, de Nestório, característica presente nos discursos polêmicos que permearam os debates que visavam a estabelecer uma ortodoxia cristã na Antiguidade Tardia (CAMERON, 2014, p. 20).

Percebe-se que, em seu discurso, Nestório tentou direcionar – ou mesmo a tradição manuscrita subsequente que manipulou os registros daqueles acontecimentos – a leitura para se construir uma realidade conforme os seus interesses. A partir do tratamento documental do relato de sua defesa, que à primeira leitura pode nos direcionar a entendê-lo somente na perspectiva de uma disputa de ideias teológicas, novas possibilidades emergem no sentido de inserir o conflito que ele protagonizou com o bispo Cirilo e intermediado pelo imperador Teodósio II em uma problemática mais ampla de natureza político-administrativa e religiosa.

Referências

Documentação textual

ACTA CONCILIORUM OECUMENICORUM. Edidit Eduard Schwartz et al. Berlin et Leipzig: Walter de Gruyter & Co., 1914. t. I e II.

- ÉPHÈSE ET CHALCÉDOINE : ACTES DES CONCILES. Traduits par André-Jean Festugière. Paris: Éditions Beauchesne, 1982
- ACTS OF THE COUNCIL OF CHALCEDON. Translated with an introduction and notes by Richard Price and Michael Gaddis. Liverpool: Liverpool University Press, 2005. v. I.
- CYRIL OF ALEXANDRIA. *Five tomes Against Nestorius*. Translated by Edward Bouverie Pusey. Oxford: James Parker and Rivingtons, 1881.
- ÉVAGRE LE SCHOLASTIQUE. *Histoire Ecclésiastique*. Traduit par A. J. Festugière, B. Grillet et G. Sabbah. Paris: Éditions du Cerf, 2011. I. I-III.
- NESTORIUS. *Le Livre d'Heraclide de Damas*. Traduit par F. Nau avec le concours P. Bedjan et M. Brière. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1910.
- NESTORIUS. *The Bazaar of Heracleides*. Translated from the Syriac by G. R. Driver and Leonard Hodgson. Oxford: Oxford University Press/Clarendon Press, 2002.
- PRISCUS. *The fragmentary history of Priscus*. Translated by John Given. Merchantville: Evolution Publishing, 2014.
- SOCRATE DE CONSTANTINOPE. *Histoire Ecclésiastique*. Traduit par Pierre Périchon et Pierre Maraval. Paris: Les Éditions Du Cerf, 2007. I. VII, v. 5.

Obras de apoio

- ABRAMOWSKI, L. Histoire de la recherché sur Nestorius et le nestorianisme. *Istina Revue Trimestrielle*, Paris, v. XL, p. 44-55, 1995.
- BARCELÓ, D. The desconstruction of the emperor in the IVth century. In: HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, D. (Ed.). *New perspectives on Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011, p. 23-39.
- BAYNES, N. H. Alexandria and Constantinople: a study in ecclesiastical diplomacy. *The Journal of Egyptian Archaeology*, v. 12, n. 3-4, p. 145-156, 1926.
- BETHUNE-BAKER, J. F. *Nestorius and his teaching: a fresh examination of the evidence*. London: Eugene Wipf and Stock Publishers, 1998.
- BEVAN, G. A. *The case of Nestorius: ecclesiastical politics in the East*. Thesis (Degree of doctor of Philosophy) - Graduate Department of Classics. University of Toronto, 2005.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BROWN, P. *Poverty and leadership in the Later Roman Empire*. Hanover: University Press of New England, 2002.
- BUENACASA PÉREZ, C. Un aspect de la correspondance des empereurs au Bas-Empire: les rescrits impériaux et la façon de légiférer sur des sujets chrétiens. In: DELAMIRE, R.;

- DESMULLIEZ, J.; GATIER, P. L. (Ed.). *Correspondances: documents pour l'histoire de l'Antiquité Tardive*. Lyon: Maison de l'Orient et de la Méditerranée, 2009, p. 169-181.
- CAMERON, A. *Dialoguing in Late Antiquity*. Washington: Harvard University Press, 2014.
- CANFORA, L. *Le copiste comme auteur*. Toulouse: Anacharsis Éditions, 2012.
- CHAUI, M. O retorno do teológico-político. In: CARDOSO, S. (Org.). *Retorno ao republicanismo*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004, p. 93-134.
- CHESNUT, R. C. The two prosopa in Nestorius' 'Bazaar of Heracleides'. *Journal of Theological Studies*, v. 29, n. 2, p. 392-409, 1978.
- DRAKE, H. A. Intolerance, religious violence and political legitimacy in Late Antiquity. *Journal of the American Academy of Religion*, v. 79, n. 1, p. 193-235, 2011.
- DRIJVERS, J. W. The *divisio regni* of 364: The End of Unity? In: DIJKSTRA, R.; POPPEL, S. V.; SLOOTJES, D. (Ed.). *East and West in the Roman Empire of the Fourth Century: an end to unity?* Leiden: Brill, 2015, p. 82-96.
- DRIVER, G. R.; HODGSON, L. Introduction. NESTORIUS. *The Bazaar of Heracleides*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 5-38.
- ELIAS, N. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GRILLMEIER, A. *Christ in Christian tradition: from the Apostolic Age to Chalcedon (451)*. Atlanta: John Knox Press, 1975.
- JENKINS, K. *A história refigurada: novas reflexões sobre uma antiga disciplina*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KANTOROWICZ, E. H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KOENRAAD, V.; CARLIER, M.; DUMOLYN, J. A short manual to the art of prosopography. In: KEATS-ROHAN, K. S. B. (Ed.). *Prosopography approaches and applications*. Oxford: University of Oxford, 2007, p. 35-69.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.
- LOOFS, F. *Nestorius and his place in the history of Christian doctrine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1914.
- McENERNEY, J. I. Introduction, notes and translation. In: CYRIL OF ALEXANDRIA. *Letters, 51-110*. Washington: The Catholic University of America Press, 1987, p. 1-9.
- MARTINDALE, J. R. *The prosopography of the Later Roman Empire (395-527)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980. v. 2.
- NAU, F. Introduction. In: NESTORIUS. *Le livre d'Heraclide de Damas*. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1910, p. v-xxviii.
- PÉRICHON, P.; MARAVAL, P. Introduction, notes et traduction. In: SOCRATE DE CONSTANTINOPLÉ. *Histoire Ecclésiastique*. Paris: Les Éditions Du Cerf, 2007. I. VII.

RUSSELL, N. *Cyril of Alexandria*. London: Routledge, 2000.

SCIPIONI, L. I. *Ricerche sulla cristologia del 'Libro di Eraclide' di Nestorio*. Friburgo: Edizioni Universitarie Friburgo Svizzera, 1956.

WESSEL, S. Nestorius, Mary and controversy in Cyril of Alexandria: Homily IV. *Annuarium Historiae Conciliorum*, v. 31, p. 1-49, 1999.